



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ALEX BRANCO FRAGA**

**(depoimento)**

**2013**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-343

**Entrevistado:** Alex Branco Fraga

**Nascimento:** 01/02/1969

**Local da entrevista:** Escola de Educação Física UFRGS

**Entrevistador/a:** Luciane Silveira Soares

**Data da entrevista:** 16/01/2013

**Transcrição:** Luciane Silveira Soares

**Copidesque e Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner e Ivone Job

**Total de gravação:** 1 hora

**Páginas Digitadas:** 18

**Observações:**

O entrevistado realizou pequenas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da tese de Ivone Job intitulada *Gestão das revistas brasileiras da área da Educação Física e Ciências do Esporte*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em setembro de 2013.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

O tempo de gestão de um editor na Revista; Trabalho que o editor da revista Movimento desempenha; Equipe da revista; Relação entre os colegas da Revista e outros profissionais que desempenham trabalho semelhante; Os critérios da revista e sua qualidade adquirida, distinta das demais; A análise dos artigos enviados para a Revista; Demanda dos artigos a ser publicados; A Revista em formato eletrônico; A profissionalização da Revista e divisão do trabalho desempenhado nela; A escolha dos avaliadores; Questões financeiras; Projeto gráfico; Revisão dos textos publicados; Regras para publicar artigos na Revista Movimento; Avaliação da Revista; Quantidade de artigos publicados pelo mesmo autor nas edições da Revista; A participação dos professores da UFRGS; Acesso livre à revista; A biblioteca como lugar adequado para abrigar a revista.

Porto Alegre, 16 de janeiro de 2013. Entrevista com Alex Branco Fraga a cargo da pesquisadora Luciane Silveira Soares, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.S. - Como o senhor chegou a função de editor da Revista Movimento?

A.F. – Primeiramente, antes de ser editor da Revista Movimento lá em 2004, se eu não em engano, eu fui secretário estadual do Colégio Brasileiro do Esporte (CBCE). Naquela função administrativa, preparamos o CONBRACE<sup>1</sup> em 2005, aqui na Escola de Educação Física da UFRGS. Naquela ocasião a professora Carmem Lúcia Soares e o professor Jocimar Daolio eram os editores da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) e estavam terminando a gestão e como não queriam seguir desempenhando a função, meu nome foi ventilado para assumir a RBCE, junto com o da professora Silvana<sup>2</sup>. Foi aceito pela direção do CBCE e a partir daí eu tive a experiência como editor de revista, mais precisamente entre os anos de 2005 e 2008. Após essa experiência saímos da RBCE e passamos a colaborar com a Movimento na condição de parecerista e depois, logo em seguida fazendo parte da comissão editorial da revista Movimento, que naquela época tinha como editores os professores Vicente Molina Neto e Marco Paulo Stigger. Depois a professora Silvana chegou a assumir a Revista, não me lembro por quanto tempo, o professor Vicente Molina Neto também se afastou para fazer um Pós-doutorado fora do país, e quando voltou assumiu a direção da ESEF, daí o Professor Marco Paulo Stigger assumiu como editor chefe e eu editor adjunto. Agora com a saída do professor Stigger para o pós-doutorado, fora do país, eu assumi a editoria da Revista Movimento. Como funciona? Dada a experiência na comissão editorial, e em outras funções da revista, não há uma eleição propriamente dita, mas há um critério de merecimento pelo trabalho realizado dentro da revista nas suas diferentes funções: parecerista, avaliação não apenas dos artigos, mas de todo o processo editorial, participação na composição da equipe, das decisões, submissões, enfim até chegar momento em que se tem um domínio de todo o funcionamento da revista que permite assumir, então, a função de editor chefe.

L.S – Não tem um tempo determinado então?

---

<sup>1</sup> Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.

<sup>2</sup> Silvana Vilodre Goellner.

A.F. – Não existe um tempo determinado, inclusive a ABEC<sup>3</sup> recomenda que não haja uma alteração muito seguida na revista, pois é necessário um grau de permanência nas decisões que não coincida, por exemplo, com um tempo eleitoral.

L.S – Quanto tempo tu achas que seria necessário para permanência nessa chefia?

A.F. – Bom, estou assumindo agora. Ficamos um período relativamente curto na RBCE, que está atrelado ao período de eleição a cada dois anos, com o compromisso de ficarmos dois anos, mas eu considero dois anos pouco tempo, quatro anos também considero pouco tempo. Algumas revistas tradicionais têm seus editores por longa data, quinze, dezesseis, vinte anos. Acho que é preciso ser um professor experiente e adquirir experiência na revista, são duas coisas diferentes, até porque a credibilidade da revista está muito conectada com a credibilidade do editor chefe. Então, se o editor chefe muda com frequência a revista perde um pouco da credibilidade entre os pares. Do meu ponto de vista, eu imagino que seria interessante ficar no mínimo uns seis a oito anos e no máximo uns doze ou quatorze anos.

L.S. Quantas horas tu te dedicas à revista?

A.F. – Partindo do princípio que a Revista Movimento é *online* e eu sou um sujeito que trabalha muito *online*, então, eu entro às vezes meia noite, domingo, sábado. Eu nunca computei a quantidade de horas que eu trabalho na revista Movimento. Sem dúvida é uma das tarefas que mais me consome tempo dentro da minha carga horária de dedicação exclusiva na ESEF. Imagino que no mínimo umas vinte horas semanais.

L.S. Recebes alguma remuneração?

A.F. – Não, está dentro da dedicação exclusiva.

L.S. - Quais os motivos da escolha do título e objetivos da revista?

A.F. – Bom, é uma revista que tem 18 anos ela não está diretamente ligada a minha gestão ou a minha entrada. Faço parte de um grupo de herdeiros de um processo que iniciou em 1994 e o título da revista está diretamente ligado com a ideia do objeto de estudo da própria área da Educação Física. A revista Movimento é uma revista voltada para a Educação Física em uma escola de Educação Física que já tinha um programa de mestrado chamado Ciências do Movimento Humano, então, creio que passa por aí uma parte da explicação.

L.S. – E a definição da linha editorial da revista?

A.F. – Um longo processo também. O antigo editor chefe, professor Marco Paulo Stigger, costumava dizer que nos primeiros números se saía atrás dos autores para nos enviar artigos, já que publicação não era algo muito corriqueiro. Isso é uma coisa muito interessante porque naquele tempo as pessoas publicavam artigos quando tinham o que comunicar, ou seja, comunicar um achado científico, posicionamentos acadêmicos relacionados aos temas da Educação Física e também, de um certo modo, os professores não viam a escrita de artigos como se vê hoje, em função da produtividade acadêmica. Essa lógica do produtivismo acadêmico gerou uma certa distorção que, daqui a alguns anos, nós vamos registrar como algo deste tempo que vivemos, pois parece que estamos diante de uma inversão: primeiro o sujeito publica para depois pesquisar. Muitas vezes os autores submetem algo que não está suficientemente pronto e abarrotam a revista, que recebe uma enxurrada de artigos com e muitos problemas. [TRECHO INAUDÍVEL].

Voltando a tua pergunta central: logo nos primórdios da revista era sobre Educação Física numa perspectiva guarda-chuva, já que tínhamos poucos artigos. Poucos artigos e poucas pessoas querendo comunicar, querendo fazer a divulgação científica das suas produções ou divulgação de temas relativos ao campo profissional. Eu mesmo sou um dos autores do segundo número em 1995, quando era professor da rede municipal de Cachoeirinha. Depois em 2003, a Revista Movimento muda a linha editorial, mais precisamente o escopo, ela deixa de ser uma revista que como as outras da área são abertas aos dois grandes campos que a Educação Física faz interface (ciências biológicas e as ciências humanas e sociais). Ela passa a ser uma revista com foco direcionado para as ciências humanas e sociais. Foram quatro grandes movimentos dentro da Revista

---

<sup>3</sup> Associação Brasileira de Editores Científicos.

Movimento: o período inicial quando ela surge num momento em que tínhamos poucos artigos para publicar no Brasil; depois ela tem um movimento muito importante que é quando ela passa a ser de escopo exclusivo da área das ciências humanas e sociais, a única no Brasil com esta característica; depois quando ela passa a ser uma revista indexada em bases de dados internacionais e agora, nesse momento, também fruto desse processo de indexação, ela passa a ser uma revista efetivamente internacional, procurada pelos autores estrangeiros para veiculação de suas produções. Nós temos algumas mensagens eletrônicas de colegas de Portugal e da Espanha que indicam que a Movimento passou a ser para eles a primeira revista para publicação de seus trabalhos. O número de artigos, principalmente do ano passado para cá, de espanhóis e portugueses aumentou consideravelmente.

L.S. – Como é a divisão de tarefas, a produção de quando chega o artigo, quem faz o quê?

A.F. – A Revista Movimento tem um organograma bastante complexo. Os artigos são submetidos pelos autores através do sistema SEER<sup>4</sup> e quando o artigo é submetido ele fica na caixa de não designados. Desde quando o editor chefe era o Stigger, quem fazia as designações dos pareceristas para avaliar era eu mesmo, e assim continua sendo. Logo em seguida, os artigos vão para designação de pareceristas que devem avaliar de acordo com os critérios disponíveis na página da própria revista. Os pareceristas tem um tempo para dar seu retorno se vão aceitar ou não a tarefa, depois, se demoram muito para responder, nós os cancelamos. Daí, indico outro parecerista, depois de aceite, e duas avaliações obtidas, consideramos encerrado a primeira rodada do ciclo avaliativo. Por exemplo, quando existe um aceitar e um rejeitar, indicamos um terceiro parecerista, se estes indicam correções, tem a segunda rodada, pode até ter a terceira rodada, e eventualmente tem a quarta rodada. Nós temos artigos que vão até a terceira rodada com correções, os autores arrumam, e se os avaliadores se sentirem contemplados, o artigo é aceite. Assim, além de respeitar a opinião do parecerista, demonstramos o rigor da revista.

L.S. Como mantem a periodicidade, há número limitado ou demasiado de artigos?

A.F. – Falando da regularidade, sempre a mantivemos, ou seja, dentro destes 18 anos ela é publicada ininterruptamente, o que é uma das qualidades da revista. Eventualmente um

mês ou outro ela atrasou ao longo destes 18 anos, mas nunca a ponto de perder a regularidade. No presente momento, mais precisamente desde novembro para cá, nós colocamos o número quatro em dezembro de 2012 e a previsão é que comecemos a colocar no ar os números já no primeiro mês do trimestre. Do período de janeiro, fevereiro e março, o número de janeiro de 2013 já está pronto, só mais alguns ajustes de edição, especialmente no editorial, e no máximo em meados de fevereiro colocaremos o número no ar. A tendência, e a nossa meta, é de conseguir publicar no primeiro mês ou no máximo no segundo mês do trimestre cada número. Há perspectiva de que se mantivermos essa "velocidade" na tomada de decisões possamos abrir espaço para a publicação de um número especial por ano.

L.S. – Tem artigos a mais? Tem uma grande procura pra escrever na Movimento, como fazem? Tem muitos para serem publicados?

A.F. – Isso não acontece na Movimento, e é simples de entender pela estatística. Hoje nós temos um índice de mais de 70% de rejeição, no número três de 2012 nós tínhamos um número de artigos aprovados que mal dava para fechar um número, dado o índice de rejeição e a velocidade da tomada de decisão editorial. Hoje nós mantemos o mesmo índice de rejeição, mas conseguimos manter um banco de artigos aprovados. Nós temos aprovados hoje em caixa 21 artigos, e como são 15 artigos por número, então nós já temos uma sobra, faltam nove artigos para o número dois. Então nós não temos artigos aprovados em demasia, nós tínhamos escassez de artigos. Agora que estamos começando a ter um banco um pouco maior muito em função do volume de artigos estrangeiros submetidos à Revista Movimento, de espanhóis, portugueses, principalmente

L.S. – A Movimento tem DOI<sup>5</sup>?

A.F. – Ainda não, é o grande problema em relação a UFRGS<sup>6</sup> que ainda não entendeu que o DOI é o produto fornecido por uma única empresa Então a Procuradoria<sup>7</sup> tem colocado

---

<sup>4</sup> Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas.

<sup>5</sup> Digital Object Identifier, número internacional de identificação única para artigos de revistas científicas.

<sup>6</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>7</sup> Procuradoria Geral da Universidade Federal do Rio Grande do Sul



obstáculos em relação à licitação deste tipo, e a procuradoria tem dificuldade de entender como funciona o mundo editorial. Porém esse novo pró-reitor que assumiu agora em 2012 se comprometeu a fazer todos os esforços possíveis para que o DOI seja comprado para todos os periódicos da UFRGS. Nenhum tem.

L.S. – Como escolhem os membros da Comissão editorial e consultivo. Há eleição dos membros?

A.F. – Nós não usamos conselho consultivo, nós temos editoria chefe, editoria adjunta, comissão editorial, que é composta por editor-chefe e editor adjunto. E tem o conselho editorial que presta um tipo de assessoria. Uma das metas é tornar mais efetivo o conselho editorial, que tem contribuído, mas de modo muito sistemático. São escolhidos pela relevância acadêmica e científica e também por questões geográficas, tentando abarcar diferentes regiões do país e compor com pesquisadores internacionais, temos membros da Alemanha, da Itália, do Canadá, enfim...

L.S. – Há algum tipo de auditoria ou auto-avaliação da revista? Pelos leitores, editores?

A.F. – De modo sistemático proposto pela revista ainda não, nós temos sempre na comunicação dos autores, dos leitores e de alguns pareceristas, nós recebemos sempre críticas e sugestões relacionadas ao próprio processo editorial. Estamos pensando em colocar a partir desse ano uma sistemática de avaliação com base em alguns critérios que também não dificulte muito para o sujeito proceder a avaliação e que ajudem no processo de avaliação da revista, de incremento, organização, de uma série de itens do processo editorial.

L.S. – Como é financiada a revista?

A.F. – A revista Movimento é financiada pela UFRGS, tanto pelos editais internos da PROPESQ<sup>8</sup> quanto pelos recursos humanos que são cedidos para atuar diretamente no processo editorial: são três professores, duas bibliotecárias e um técnico administrativo, também isso é uma forma de a UFRGS financiar, cedendo disponibilizando carga horária

dos seus funcionários para a revista. Já tivemos apoio do Ministério do Esporte durante um bom tempo. Além disso, nesse ano especificamente, nós obtivemos recursos do CNPq<sup>9</sup>, verba de setenta e seis mil reais para fazer o processo de editoração, *web design*, uma série de itens para melhorar o *layout* da revista, além da compra de *software* anti-plágio, uma série de outras coisas que estamos tentando implementar. Outra forma é a gráfica da UFRGS que não é a custo zero, mas é muito acessível.

L.S. – A adoção da Plataforma SEER, formato eletrônico, trouxe mudanças, benefícios?

A.F. - Facilidade de acesso dos autores na submissão, organização dos artigos, arquivamento, processo de relacionamento com os pareceristas, de relacionamento com os autores, a possibilidade dos editores poderem trabalhar em qualquer canto do planeta com a revista, pois hoje ela está toda online, toda organizada, com apoio do CPD<sup>10</sup> da UFRGS em relação a esse processo, pois o SEER é vinculado à UFRGS, a universidade inteira usa esse sistema, algo que ajudou enormemente, pois é uma ferramenta fantástica, sem ela é impossível fazer um periódico hoje em dia.

L.S. – Quem faz o processo gráfico da revista, layout, capa...

A.F. – É feito pela equipe também, na época que mantínhamos a versão impressa pela gráfica da UFRGS, os funcionários que trabalham lá na gráfica ajudavam nessa parte específica. Nós solicitamos no edital que fomos contemplados do CNPQ verba para que um sujeito que trabalhe com *web design*, e já que ela está dentro da própria plataforma SEER, que além de ser uma plataforma extraordinária também aceita a inserção de plugins de acordo com a tua necessidade, então nós já levantamos uma série de necessidades para que a revista Movimento possa se valer ainda mais desse sistema. Além do mais o processo de layout da revista na versão online ainda está uma versão impressa dentro da online.

L. S. – Há limite de artigos para submissão?

---

<sup>8</sup> Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRGS.

<sup>9</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

<sup>10</sup> Centro de Processamento de Dados da UFRGS,

A.F. – Não, é acesso aberto.

L.S. – Há um procedimento padrão para atendimento de autores e leitores?

A.F. – Não, nós sempre recebemos alguma ou outra solicitação por e-mail, toda a comunicação é feita por e-mail, e as questões mais complexas que não podem ser respondidas pela pessoa que acessa a caixa de e-mails, se não forem questões de expediente comum, então são levadas às reuniões da comissão editorial.

L.S. – Há tradutores, revisores de texto, de normas?

A.F. – Contratados via edital. O edital que financiou a revista também temos solicitado orçamento para tradução. A revisão ela também é feita pelas bibliotecárias que fazem a revisão para a edição final, normatização, ABNT<sup>11</sup>, de texto, tudo é feito nessa revisão final, não há a contratação de revisores de vernáculo, é algo a ser pensado.

L.S. O tradutor recebe à parte?

A.F. – Sim, são empresas específicas, normalmente, pois é feito um processo de licitação. Exceto na revisão de texto, realizada pelas bibliotecárias que trabalham na revista.

L.S.- A revista exige um grau mínimo de formação do autor para submeter artigos?

A.F. – Não.

L.S. – Há bibliotecários na equipe e quais atividades desempenham?

A.F. – As duas bibliotecárias que trabalham conosco são excelentes, diga-se de passagem, é um prazer trabalhar com elas, é claro que elas se dedicam mais à parte da revisão, evidentemente, mas dado o alto conhecimento que ambas têm, eventualmente participam do processo de avaliação de alguns artigos dentro da temática e também participam das

questões da revista. Nós fazemos reuniões periódicas, e uma das coisas que acho importante, agora com a minha “ascensão” à editoria chefe, procurei estabelecer o critério de, principalmente com o editor adjunto e mais a comissão editorial, compartilhar algumas decisões finais que são mais difíceis. Então, trazemos pra reunião e ouvimos a opinião de todo mundo, claro que a decisão final, a batida do martelo como se diz, é do editor chefe, com base nesse compartilhamento que visa minimizar o erro.

L.S – E os autores costumam obedecer às instruções?

A.F. – Sim, mas eles foram educados a "fórceps" digamos assim. Nessa primeira leva da avaliação depois da submissão se verifica se está dentro das normas da revista, se não estiver volta, então o autor tem se dedicado mais.

L.S. – Fazem divulgação da revista?

A.F. – Formal não. Ela acaba sendo divulgada, por exemplo, quando ela recebe o conceito A2 do Qualis Capes, quando ela é indexada na *Web of Science* que é uma das maiores formas de divulgação da revista, mas não existe uma divulgação nas redes sociais, facebook, twitter... Hoje não é necessário fazer uma divulgação dentro da UFRGS porque a revista Movimento é considerada um dos melhores periódicos da universidade, o único que está na *Web of Science* e na *Scopus*. Agora tem gente divulgando a revista na Associação Americana de Pesquisadores em Sociologia do Esporte, em função de um contato com um colaborador canadense. Ele está nos ajudando a trabalhar na revista especialmente nos artigos em inglês, o que acabou divulgando nossa revista como um periódico de acesso aberto que tratam do tema da sociologia do esporte.

L.S.- Como é o processo de ingresso em Catálogos, bases de dados? Alguém sugere?

A.F. – Sim, tem uma pessoa, uma bibliotecária, muito boa que faz isso pra nós, a Ivone Job, olha nem falo muito porque depois vão querer tirá-la para outras revistas, pois ela dá assessoria pra muita gente por aí.

---

<sup>11</sup> Associação Brasileira de Normas Técnicas.

L.S. – Já foi negada indexação da revista?

A.F. – Já tivemos uma negativa há tempos atrás, mas já tivemos base de dados procurando a revista para indexar, agora nem tanto, mas no ano passado e no anterior, nós recebemos mensagem de base de dados perguntando se poderiam indexar a Movimento, ou seja, hoje a Movimento agrega valor à base de dados, e não o contrário. Esse movimento de indexação é mais relacionado a um processo interno, mas o outro movimento também importante, que é quando os autores estrangeiros optam pela Movimento para submissão de seus artigos, aí é o periódico se internacionalizando de fato. Eu recomendo o editorial do número quatro de dezembro de 2012, nele tratamos desse processo de internacionalização das revistas e não só da posição individual dos pesquisadores.

L.S. - Há uma forma utilizada pela revista para aumentar o índice de citação?

A.F. – Temos procurado, não de uma forma sistemática, mas alguns autores que percebemos que utilizam a revista mais como uma forma só de publicar o seu artigo e não de dialogar com a revista, temos procurado incentivar o diálogo, procurando exigir o uso de revisões sistemáticas dentro da própria revista. . Um exemplo, alguém que quer trabalhar com gestão do esporte, o autor tem que olhar o que temos publicado na Revista Movimento.

L.S. – Qual tua opinião sobre o Acesso Livre e gratuito das revistas?

A.F. – É fundamental para disseminação do conhecimento, porque em toda a lógica capitalista de pagar para acessar o conhecimento é uma forma de exclusão social, então uma revista como a Movimento e não só ela, programas como o IBICT<sup>12</sup> que lançou o SEER, do *Open Access*, esses sistemas de acesso aberto são fundamentais. O governo brasileiro gasta uma fortuna com o Portal de Periódicos<sup>13</sup> para que os pesquisadores brasileiros possam acessar através das universidades brasileiras os artigos publicados nas revistas pagas. Poucos pesquisadores dão valor a isso, e para o governo brasileiro é uma

---

<sup>12</sup> Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.

<sup>13</sup> Portal de periódicos da CAPES, biblioteca digital paga com verba pública do Ministério de Ciência e Tecnologia do governo federal.

fortuna por mês, e temos milhares de artigos pagos disponíveis aos brasileiros. E se não houvesse este investimento, o acesso só seria possível a artigos de revistas publicadas no sistema aberto.

L.S. - É pertinente publicar em inglês em revistas nacionais e lá fora?

A.F. – Sem dúvida, em função do primeiro item que comentei sobre a internacionalização das revistas. Agora, não dá pra confundir a publicação de artigos escritos em inglês com proibir a publicação em português. Aí se cometeríamos um crime de "lesa pátria". A revista é brasileira, o idioma nacional é o português, mesmo que o idioma não seja muito conhecido lá fora, é muito fácil poder conviver numa mesma revista com artigos em outro idioma, especialmente para as revista publicadas em versão eletrônica. Agora, uma revista nacional, ainda mais em nossa área, se voltar só pra publicação em inglês, não dá pra entender. Nós fizemos vários números com vários idiomas. Ter artigos em espanhol ou em português é uma relação extremamente importante para a revista se comunicar para os seus pares "nativos" [TRECHO INAUDÍVEL]. Temos que nos dar conta que há um universo de milhões de pessoas no Brasil, mais Portugal e outros que falam português, então se deixa de agregar valor escrever e ler em português ou em espanhol.

L.S. - Costumam publicar estatísticas sobre o uso de artigos, submissões, aprovados, rejeitados...

A.F. – Sim, eventualmente, colocamos na capa, algumas informações, comunicados mas não temos divulgado muito dados estatísticos. Não poderia te dizer se estão acessíveis as estatísticas aos leitores da revista, não tenho certeza. Sempre acesso via *login* de editor, então não sei bem. O SEER gera esses dados, mas normalmente nos editoriais se comenta a quantidade de rejeição de artigos, quantos recebemos do exterior, quantos por ano, usamos mais nos editoriais quando há algo para ser destacado . Temos uma quantidade de rejeição em torno de mais de 70% e se sabe pelo SEER, mas comentamos isso nos editoriais.

L.S. - Há alguma forma de reconhecimento ao trabalho dos avaliadores?

A.F. – Olha a gente geralmente fornece certificado àqueles que pedem. Sobre esse aspecto, a revista não tem como valorizar no sentido de remuneração. Há sempre uma dificuldade quando o parecerista tem um artigo negado, mas isso acontece com certa frequência. Hoje, a CAPES<sup>14</sup> na área 21 tem conhecimento de todo esse volume de trabalho e definiu que vai passar a pontuar o editor, o parecerista, o que vai repercutir na avaliação do programa de pós-graduação. Então, se o sujeito atuar como parecerista num ano ele vai ser pontuado, isso vai repercutir na avaliação do programa. Evidentemente, isso será importante para as revistas também.

L.S. - A revista utiliza algum formulário ou instrução para os avaliadores?

A.F. – Já tivemos uma guia e temos as normas, as diretrizes pra avaliação, e tínhamos um formulário com quadros pra marcar, mas os avaliadores acabavam só marcando nos quadrinhos e não davam um parecer que desse mais segurança, não era consubstanciado. Então não consideramos uma boa ideia adotar este tipo de formulário.

L.S. - Eles sabem o resultado final dos artigos que avaliam?

A.F. – Não, o sistema é duplo cego. Um faz um parecer e o outro faz outro, mas não ficam sabendo um do parecer do outro. Algumas revistas adotam a estratégia de enviar na segunda rodada os dois pareceres. Eu mesmo dou parecer para uma revista que vem os dois na segunda rodada, o teu e o do outro. É interessante porque se pode comparar a tua avaliação com a do outro, mas ao mesmo tempo também pode influenciar na decisão..

L.S. - Como avaliam os avaliadores? Os mais rápidos, mais assíduos...

A.F. – O SEER tem uma classificação de 1 a 5, mas não temos conseguido fazer, é preciso dispende muito tempo, e não temos tido nos últimos tempos. Mas pelos dados do próprio sistema, é possível visualizar os mais rápidos, e também pelo conteúdo do parecer exarado. Tem alguns que a gente acaba tendo mais confiança pelo histórico de bons pareceres, consubstanciados, tem os que a gente confia mais. Uns só aprovam, uns aprovam ou

---

<sup>14</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

rejeitam com quatro linhas... dá de tudo. A gente tem uma ideia de como são os avaliadores pelos pareceres exarados.

L.S. - Como são escolhidos os avaliadores? Há uma política?

A.F. – Tem que ter doutorado. Como a gente esta resolvendo isso? A educação física tem muitas interfaces, por exemplo: com administração, estudos de gênero, gestão, currículo, saúde coletiva. Um artigo sobre um tema em interface, procuramos colocar alguém que seja da educação física que trabalha a temática pra avaliar, e compor com outro da área em interface. É muito comum se fazer uma espécie de "transplante" de uma discussão de um campo como currículo para outra área. Por exemplo, o cinema é um tema que não aparece com tanta frequência, mas temos alguns avaliadores que são dessa área específica e que contribuem muito. Mas têm autores das áreas básicas, que fazem análise, por exemplo, de uso da imagem, então quando esses avaliadores aceitam dar um parecer, dá uma consistência maior. Sem contar que um duplo cego fica mais "duplo cego" ainda, eles não sabem quem é quem no campo da Educação Física, o que também qualifica todo o processo.

L.S. - Qual o mecanismo utilizado pela revista para responder aos autores sobre a avaliação de artigos?

A.F. – Por e-mail, o próprio SEER tem como ver e tem mensagens para isso. Quando eles têm duvida, o editor adjunto acaba enviando em nome da comissão editorial.

L.S. - Há necessidade de mais avaliadores para um mesmo texto?

A.F. – Sim, existe, mas não é com frequência, mas se lança mão quando precisamos, quando há dois pareceres divergentes, por exemplo.

L.S. - Existe uma revisão antes de ser enviado aos avaliadores?

A.F. – Sim, existe, uma avaliação preliminar, se está nas normas e se está no escopo. Há muita rejeição por estar fora de escopo. As pessoas mandam os artigos e nem olham o



escopo. Quando há dúvidas sobre o escopo, se faz uma reunião da comissão editorial e às vezes se pede apoio de algum parecerista especificamente para este caso, uma opinião preliminar, antes de ir para avaliação ou arquivar.

L.S. - A decisão é sempre dos editores? Levam em consideração os pareceres ou há outra decisão?

A.F. – Sempre se leva em consideração os pareceres. A gente procura analisar os pareceres. Às vezes não são muito conclusivos, sólidos. Sempre se manda os pareceres, mesmos rejeitados, mas às vezes tem parecerista que manda um texto eivado de adjetivos, e fica meio agressivo, não se descarta tal parecer, mas enviamos para outro avaliador. Não é muito frequente, mas acontece, então se procura escolher bem os pareceristas, mas às vezes não tem. Por exemplo: agora mesmo tivemos que decidir: um parecer aceito muito diferente de um que rejeitou, olha o rolo que o editor se mete. Mas temos que decidir. Pode o avaliador que rejeitou ver que o artigo foi aprovado. Bom, mas a gente tem que decidir.

L.S. - Como resolvem os conflitos entre os pareceres?

A.F. – Sempre se leva em consideração os pareceres dos avaliadores. São pareceristas conceituados, levam tempo, se dedicam, são experimentados. Se o parecer não estiver bem escrito, a gente não envia, se manda para outro parecerista. Se os pareceristas diferem, às vezes tem um rejeitar e um favorável, também enviamos para um terceiro. Acontece...

L.S. - Já ocorreu algum problema de plágio ou comportamento antiético? O que fazem?

A.F. – Se tenta contornar do melhor modo possível. Já aconteceu. Tem dois casos: antes de publicado e depois de ser publicado. O segundo caso é rolo, nunca aconteceu na Movimento, talvez porque o índice de rejeição é muito alto. Plágio é mais raro, mas autoplágio sim. Por exemplo: bem difícil de acontecer, mas já aconteceu, o sujeito submete o mesmo artigo em duas revistas, aí a primeira que responder ele publica, é um caso bem complexo, mas não temos como ver tudo, ter o controle, até porque a revista não é um órgão policial, a gente não tem este poder, a gente avalia os artigos. O fato de termos um software anti-plágio vai favorecer.

L.S. - Quanto aos prazos para emissão dos pareceres?

A.F. – Bastante variável, geralmente um prazo desde que o sujeito aceita de 20 a 30 dias, mas o SEER não tem alguns *plug-ins* para verificar automaticamente o atraso. Tem que entrar lá no sistema naquele "mar" de artigos e revisar um por um e enviar mensagem para alertar o avaliador que ele está atrasado. No geral não atrasam.

L.S. - Há alguma alternativa à avaliação pelos pares?

A.F. – Há, mas não achamos a melhor alternativa, que é convidar autores. Em alguns casos os editores fazem convites para artigos especiais a autores muito renomados, acabamos encomendando eventualmente, mas não é uma prática. O melhor sistema é o duplo cego, que ajuda mais. Vai lá e convida o cara pra escrever um artigo, nem sempre garante o artigo.

L.S. - Em geral, qual é a procedência dos artigos? Cidade, país, estado, instituições ...

A.F. – A Movimento é literalmente uma revista internacional hoje, cada vez mais está sendo procurada por autores espanhóis, portugueses, tem da Argentina, do Uruguai, da Colômbia menos um pouco. Já tivemos tailandês, paquistanês, canadense, temos artigo britânico, enfim. Temos artigos de todas as regiões do Brasil, norte, centro- oeste... É claro pelo status que a Movimento conseguiu ela também representa a desigualdade de produção de pesquisa das regiões do Brasil, mais concentrada nas regiões sul e sudeste, porque é onde tem mais cursos de pós-graduação, mais cobrança, mais programas... Tem mais artigos. Há também, algo que já comentei antes, estamos começamos a detectar essa dupla mão da internacionalização do periódico, de forma expressiva no final de 2012. Essa inversão da internacionalização, da revista, do periódico, é algo que impacta na procedência dos artigos.

L.S. - Há alguma norma para editores publicarem na revista?

A.F. – Tem uma norma interna não explícita. No máximo dois artigos por triênio de avaliação da CAPES, do pessoal da casa. Mas eu publiquei só um no triênio passado, por exemplo. É uma decisão difícil, porque o editor fica privado de publicar em uma das melhores revistas da área, é algo injusto, tem que ter reconhecimento dos pares, se tem uma credibilidade se espera que publique numa revista de reconhecimento.

L.S. - E para o pessoal da instituição?

A.F. – É a mesma regra: dois por triênio, mas dada à disparada na pontuação dos professores permanentes dos programas de pós-graduação, talvez possamos considerar a possibilidade de, em caso de aprovação, publicarmos até três por triênio, ou um por ano.

L.S. - E para um mesmo fascículo?

A.F. – Temos evitado mais de um artigo do mesmo autor.

L.S. - Há algum tópico a mais que gostarias de acrescentar?

A.F. – A Movimento chegou a um grau de profissionalização muito interessante, passou por uma mudança muito grande. Voltando ao que Stigger falou sobre o início da revista, passamos de um tempo que íamos atrás de artigos para um momento de grande procura, para um índice de 74% de rejeição, isso passa pela indexação. A gente está analisando os editoriais da Movimento para um artigo sob encomenda a ser publicado na RBCE e observamos que quase sempre, ao menos uma vez por ano, temos um forte posicionamento político. Além da produção local, posições políticas cobrando investimento, de fomento, mas não essa lógica de fomento para produzir lá fora. É publicar numa revista nacional que é importante lá fora, esse é o grande lance da revista Movimento. Ela não nega artigos em português e também se está agregando autores internacionais. Os autores estrangeiros de ponta não publicam em muitas revistas, só uma ou duas, porque preferem dialogar com a comunidade com a qual pertencem. Tem autor brasileiro que publica em quinze, dezesseis revistas diferentes... Isso se deve à lógica centrada no produtivismo, a revista acaba se tornando uma espécie de barriga de aluguel. Nossos artigos podem ser exportados, mas não apenas via publicação de artigos em revistas estrangeiras, mas também pode ser com

revistas nacionais que se tornaram internacionais, como é o caso da Movimento. A revista está atingindo outro patamar o da internacionalização e a Movimento pode ser tornar líder ao menos no âmbito ibérico-americano. Recebemos um e-mail de um professor português que estava muito contrariado porque seu artigo fora rejeitado por estar fora do escopo. Disse que em Portugal a Movimento é a primeira opção para publicar seus artigos, por isso ele insistia que seu artigo fosse ao menos avaliado. Isso coloca a revista noutra patamar.

L.S. - A Movimento surgiu na pós-graduação?

A.F. -. Não, não surgiu do pós-graduação. Voltamos às informações do Stigger; ele retornou do doutorado em Portugal com a ideia de criar uma revista da escola. Eu, por exemplo, quando publiquei meu primeiro artigo eu era professor de escola, ensino básico, e não havia, como hoje também não há, restrição aos profissionais que atuam no campo, apesar de ser bem mais difícil para quem não está em grupos de pesquisa ou programas de pós-graduação. Claro, fica associada ao PG porque coloca na página da PG, uma revista A2 capitaliza para o Programa da casa, mas a Movimento é uma revista que tem sede na biblioteca, é o lugar adequado para estar. Ela é do setor da biblioteca. Tem quatro bibliotecárias direta ou indiretamente envolvidas, tem sala na biblioteca, é revisada na biblioteca. Quando o *Paker*<sup>15</sup> da Scielo veio para o evento ficou maravilhado que tem uma revista alocada na biblioteca de uma universidade pública. O grande lance da Movimento é estar ligada à biblioteca, estar setorizada na biblioteca. No pós-graduação flutua mais, tem duas linhas de pesquisa, tem professores que se interessam por publicar fora, e não tem interesse na função editorial, não têm interesse político na produção acadêmica deste tipo. A revista é um patrimônio da escola e deve estar vinculada à biblioteca, com professores que lidam com editoria, com interesse de exercer essa função. Temos também a Ivone que estuda há muito tempo bibliometria, há muitos anos que toma como seu objeto de estudo os periódicos, o que dá uma dimensão bem interessante para a revista, pois não se prende apenas à área de estudo dos professores: Antropologia, a Educação, o currículo, no campo da Educação Física, por exemplo. Quando se tem um lugar totalmente dedicado à produção de uma revista, à organização dos seus serviços como a biblioteca, o trabalho tende a ganhar cada vez mais consistência.

L.S. - Bom professor Alex, agradeço a entrevista.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>15</sup> Abel Packer, diretor da biblioteca digital Scientific Electronic Library Online (Scielo)